

RESUMO

O presente artigo é fruto de revisão bibliográfica e objetiva refletir acerca do atual momento em que passa a cultura, o ethos da Civilização Ocidental imerso numa mentalidade revolucionária gnóstico-materialista. Dentro dessa perspectiva gnóstico-revolucionária imanentista que se dá enquanto virada radical a partir do Renascimento na Civilização Ocidental, até o momento atual designado como pós-moderno é que se pretende refletir tal fenômeno. Mais precisamente, a partir da diferenciação onto-axiológica que a Filosofia (clássica, Tradição, perene) entende necessária para a devida compreensão acerca da realidade enquanto drama existencial. O qual se apresenta como historicidade ou consciência participativa no exercício da liberdade humana na história.

Palavras-chave: Civilização Ocidental. Cultura. Ethos. Gnosticismo. Historicidade, Filosofia.

ABSTRACT

Não é possível uma compreensão do mundo hodierno sem ter uma devida noção da historicidade ocidental percorrida ao longo dos séculos. Esta historicidade pode por muitos aspectos ser observada a partir do itinerário da razão, como também via desenvolvimento dos meios e instrumentos que os homens utilizaram para suprir, organizar e ordenar a sua existência.

E aqui se faz importante salientar o fenômeno da técnica, da tecnologia, a qual exerceu e ainda exerce um papel fundamental na história da modernidade, porque, através do

¹ Marco Antônio Correia Bomfim é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Santa Cruz e Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz. É professor da Faculdade de Ilhéus-Cesupi e da Faculdade Madre Tháís-FMT. E-mail: bomfimmarco@yahoo.com.br

uso da mesma se tem a pretensão não só de transformar a natureza, mas acima de tudo, dominá-la, como procurou expressar Sir Francis Bacon no seu nasciturno².

Esse saber, segundo Karl Popper, enquanto poder se transformou a partir da modernidade em nova “religião”³, a qual trouxe a promessa de um paraíso terrestre e a esperança de um mundo melhor que os homens poderiam construir por si mesmos a partir do conhecimento.

E não seria um equívoco dizer que a história da modernidade, também pode ser descrita como a história das transformações, alienações, explorações, etc. do ser humano. Transformações estas, que em sua grande maioria, seja no aspecto individualista ou coletivista nada mais fez que obter como resultado final a coisificação do ser humano.

Porque não se pode esquecer que com a modernidade e seu *ethos* calcado no projeto de um novo mundo e novo homem⁴, destinados pelo “saber racional mágico” ao progresso, tem-se início o processo instrumental da cultura de massificação da vida e espécie humana (capitalismo e os variados matizes de socialismos/comunismo). Aqui se faz importante salientar que a civilização ocidental moderna (desenvolvida a partir do período denominado convencionalmente de Renascimento) aparece no processo histórico civilizacional como uma anomalia, uma vez que será a primeira a desenvolver-se numa perspectiva eminentemente materialista.

Então, dá-se início a uma especulação gnóstica que procura romper e reestruturar as bases fundacionais da civilização ocidental originada no período anterior⁵ e que formará o caráter, a natureza da modernidade enquanto uma atividade radical de imanentização que busca dá ao homem o controle da realização escatológica. Imanentização esta que avançou séculos como um processo místico-científico, como bem descrevera o filósofo, historiador e cientista político Eric Voegelin em sua obra *A Nova Ciência da Política* (1982, p. 98.)

A especulação gnóstica venceu a incerteza da fé recuando da transcendência e dotando o homem e seu raio de ação intramundano com o significado da realização escatológica. [...] A força espiritual da alma, que no Cristianismo se devotava à

² Cf. a este respeito as reflexões levantadas pelo historiador e filósofo búlgaro Tzvetan Todorov nas respectivas obras: *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações* e *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*.

³ Deve-se então, está atento para o significado deste termo religião na modernidade, pois, o mesmo, não tem nenhuma intencionalidade de re-ligar o homem a DEUS; mas sim, em desviá-lo de sua rota; em construir uma nova “ontologia” tendo o “homem” como centro e senhor de todas as coisas. Para isso, se faz necessário matar DEUS!

⁴ Neologismo utilizado pelo filósofo francês Michel Serres para designar a constituição de um novo homem/humanidade. Cf. obra *Hominiscências o começo de uma nova humanidade?*

⁵ Cf. a este respeito as seguintes obras: *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*, do historiador Thomas Woods Jr.; *Criação do Ocidente, A formação da cristandade, A divisão da cristandade e, Religião e progresso*, do historiador Christopher Dawson.

santificação da vida, podia agora ser orientada rumo à criação do paraíso terrestre, criação essa que era mais atraente, mais tangível e, acima de tudo, mais fácil. A ação civilizacional tornou-se um *divertissement*, no sentido de Pascal, mas um *divertissement* que diabolicamente absorvia em si o destino eterno do homem e tomava o lugar da vida do espírito. Nietzsche expressou da forma mais concisa a natureza dessa diversão demoníaca ao indagar por que alguém deveria viver na embaraçosa condição de um ser necessitado do amor e da graça de Deus. “Ame-se a si próprio através da graça” – foi sua resposta – “e então, não mais necessitando de seu Deus, você poderá encenar todo o drama da Queda e da Redenção até o fim dentro de você próprio”. E como pode ser atingido esse milagre de auto-salvação [...] essa redenção pela concessão da graça a você próprio? [...]. a grande resposta histórica foi dada pelos sucessivos tipos de ação gnóstica que fizeram da civilização moderna o que ela é hoje. O milagre foi realizado sucessivamente através da conquista literária e artística, que assegurava a imortalidade da fama aos intelectuais humanistas; através da disciplina e do êxito econômico, que garantiam a salvação ao santo puritano; através das contribuições civilizacionais dos liberais e progressistas; e finalmente, através da ação revolucionária que estabelecerá o milênio comunista ou de outro tipo gnóstico.

[...] Sem dúvida, a civilização material do ocidente continua a avançar; [...]

Não se pode negar que os resultados de tal mentalidade gnóstico-revolucionária modernidade adentro tenham sido esplêndidos. E tal assertiva se dá no fato de que a liberação das forças humanas pelo gnosticismo resultou na construção desta civilização imponentemente material. E, nestes termos ela continua a avançar. Não obstante, sob o “símbolo do progresso” o que veio a ocorrer com aqueles que não compactuavam com tal idéia? que, por exemplo, preferissem seguir a Deus e não aos novos deuses, cultos da religião imanentizadora? (Comte e o calendário dos santos positivistas,...).

Nesse caminho de ascensão ao “progresso” a recusa de perceber (mentalidade ideológica ou segunda realidade) se torna uma característica marcante da mentalidade e linguagem ideológica. Como bem descrevera Eric Voegelin (2007, p. 145.)

A recusa de perceber tornou-se para mim o conceito central para a compreensão das aberrações ideológicas. Ela se manifesta nas situações mais diversas e, do ponto de vista histórico, é a proibição formal de fazer perguntas reivindicada por Marx e Comte. Se alguém questionasse sua doutrina ideológica, levantando a questão do plano divino da realidade, Comte recomendaria que não levantasse questões ociosas (“questions oiseuses”), enquanto que Marx lhe mandaria calar a boca e tornar-se um “homem socialista” (“Denke nicht, frage mich nicht” – “Não pense e não me faça perguntas”).

Não se deve esquecer que em nome do “progresso” os projetos de reengenharias sociais não apenas condenaram ao silêncio, ao esquecimento, uma parcela considerável de seres humanos. As ideologias materialistas modernas de tipo escatológica (socialismos/comunismo) ou visando administração social global (positivismo), por meio do desenvolvimento tecnológico advindo de suas mentalidades gnóstico-revolucionárias condenaram ao silêncio, ao esquecimento, uma parcela considerável de seres humanos; assim

como encarceraram em campos de concentração. Tornaram pessoas em animais ou objetos de experimentos biológicos, psicológicos, sociais e exterminaram vidas. Como bem dissera Bruno Latour em sua obra *Jamais fomos modernos* (LATOURE, 1994, p.15) “A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas”.

O que nos interessa aqui dentre tantos aspectos é aquele que é marcado pela ideia historicista de progresso; pela capacidade de transformação e utilização da natureza em meios de obtenção de riqueza e controle social. Assim, ver-se-á uma revolução proporcionada por uma nova forma de ver, agir e pensar do homem (era dos humanismos⁶), a qual está alicerçada em um novo aparato tecnológico, o qual será propiciador e gerador de riquezas e vida social racionalmente administrada (razão instrumental).

No prólogo a *A condição humana* (2000), Hannah Arendt traça de forma magistral a atual situação em que se encontram homem hodierno constituidor de uma racionalidade instrumental (gnóstico-revolucionária), a qual, não somente é criadora de culturas, mas de pensar e até forjar projetos para novos mundos possíveis e, a natureza, a qual o mesmo, de certa forma pertence e está ligado.

Diz-nos a mesma (2000, p. 10):

A terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço, nem artifício. O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar <artificial> a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar a vida numa proveta, no desejo de misturar, <sob o microscópio, o líquido seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores> e <alterar (-lhes) o tamanho, a forma e a função>; e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida para além do limite dos cem anos.

Hannah Arendt toca na questão central que perfaz os tempos modernos, o qual é o do sentimento de rebelião do homem moderno para com a sua condição existencial humana,

⁶ A base do humanismo gnóstico é de que não existe um Deus Todo Poderoso, Criador e Sustentáculo da vida, os humanistas acreditam que o homem é seu próprio deus. Acreditam que os valores morais são relativos, inventados de acordo com as necessidades de um povo específico, e que a ética também é situacional. Os Humanistas rejeitam a moral e a ética Judaico-Cristã, tais como as contidas nos Dez Mandamentos, tidos como “dogmáticos”, “fora de moda”, “autoritários” e um atraso ao progresso da humanidade. No humanismo a auto-realização, a felicidade, o amor e a justiça são encontrados por cada homem individualmente, sem referência a nenhuma fonte divina. Dentro da ética Judaico-Cristã não existe e não pode existir auto-realização, felicidade, amor ou justiça na Terra, que não seja, em última análise, relacionada com um Deus Todo Poderoso, Criador e Provedor.

na forma e medida em que lhe foi dada. Compreendida esta, dentro da cultura secular moderna como um dom gratuito vindo do nada; e que, portanto, o mesmo deseja trocar por algo que lhe seja próprio, no sentido de essência e existência projetada pela razão meramente humana (humanismo gnóstico)⁷.

Como nos diz o filósofo contemporâneo alemão Eric Voegelin (1982), esta é a época dominada pelo gnosticismo, a qual é caracterizada pelo sentimento de ódio à realidade como tal e, por isso, deve ser transformada através da revolução permanente dos costumes, hábitos, desejos; enfim, do pensar, agir e ser do *ente* homem (reengenharia social).

Destarte, como na história mítica acerca do rei Midas, a modernidade é fortemente marcada por essa cultura de uma racionalidade que a tudo deseja transformar. A contemplação amorosa que constituiu a base do conhecimento antigo clássico e medievo, assim como forjou o tal *ethos*, foi abrupta e radicalmente alterada a partir da modernidade.

E tal alteração, diga-se de passagem, não se deu por meio de um acirrado debate científico, mas sim, pela deliberada negação do “antigo” em prol do “novo” enquanto paradigma. Desta forma, sutil e sofisticadamente pretende-se dizer que o “antigo”, o “clássico”, a “Idade das trevas”, etc. foi superado, quando, na verdade, ele foi soterrado por várias camadas de engodos e artifícios subjetivos para não vir a tona e demonstrar a farsa do teatro em palco modernista. Onde pseudos: “intelectuais”, “filósofos”, “teorias científicas”, “pedagogias”, etc. podem vigorar, justamente pela falta de substancialidade e critérios objetivos, concretos na formação intelectual, psíquica e moral dos indivíduos⁸.

O pensador alemão e mentor de uma variante do pensamento e ativismo radical, Karl Marx deixa explícita tal “filosofia de vida/*praxis* revolucionária” na célebre 11ª tese contra Feuerbach “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo”. Deste modo a ciência de saber desinteressado passa a ser um conhecimento funcional instrumentalizado; o cientista, mero funcionário do “Estado” ou de grandes conglomerados econômicos. Claramente, tem-se um salto regressivo no ser da ciência, pois de saber desinteressado, passa-se a ativismo político, econômico. e o homem de ciência, o filósofo são

⁷ Cf. da mesma autora a obra *Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. E O Drama do humanismo ateu*, de Henri de Lubac teólogo, filósofo e historiador das religiões (Cardeal jesuíta francês).

⁸ Cf. a este respeito as obras do matemático, físico, filósofo da ciência e metafísico Wolfgang Smith. Assim como a obra *Maquiavel Pedagogo: ou o Ministério da reforma pedagógica*. De Pascal Bernardin (estudo-pesquisa documentado – documentos oficiais dos mais célebres organismos internacionais como UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, Comissão de Bruxelas, etc.) que trata de uma análise minuciosa acerca de uma revolução pedagógica, cujo intuito é a imposição de uma “nova ética voltada para a criação de uma nova sociedade intercultural”. Revolução essa, baseada nos resultados da pesquisa psicopedagógica que está em curso no mundo inteiro.

rebaixados à propagadores de ideologias, intelectuais orgânicos, burocratas, funcionários de uma engrenagem sistêmica.

Não por acaso o *ethos* moderno-contemporâneo se constituir como altamente materialista, gerencial e tecnicista, individualista e centrado nos seus mais humanos (razão) desejos de produção de riquezas e obtenção de poder. Seja por meio da ciência ou da economia diretamente falando, assim como, de uma centralização usurpadora do poder sobre coisas, pessoas, vidas (política).

Se o elo entre nós contemporâneos (pós-modernos) e os originários de nossa civilização não tivesse sido rompido de forma tão abrupta e radical, talvez não tivéssemos incorrido neste reducionismo primário. Pois como nos dissera o Filósofo Aristóteles há mais de dois milênios atrás “o ser se diz de várias maneiras”.

Assim, ganhamos em técnica, em números; em poder manipulador e gerencial, mas perdemos no tocante à razão em sutileza, qualidade, perspicácia, humildade e noção de unidade. Como nos diz René Guénon⁹ (metafísico e crítico social) em sua obra *Oriente e Ocidente* (2012, p. 12-13),

Como explicar o interesse de um conhecimento totalmente especulativo a pessoas para as quais a inteligência é somente um meio de se agir sobre a matéria e de sujeita-la com finalidades práticas, e para quem a ciência, no sentido restrito pelo qual a entendem, vale especialmente na medida em que conduz a aplicações industriais? Nada exageramos: basta olhar a volta para compreendermos que é esta a mentalidade da imensa maioria de nossos conterrâneos. E um exame da filosofia a partir de Bacon e Descartes iria apenas confirmar estas constatações. Lembraremos somente que Descartes limitou a inteligência à razão, que atribuiu um único papel àquilo que acreditava poder chamar de metafísica: o de servir de fundamento à física, estando esta destinada, segundo seu pensamento, a preparar a constituição das ciências aplicadas – mecânica, medicina e moral – fim último do saber humano tal como ele o concebia. Não seriam já as tendências que ele assim afirmava as mesmas que caracterizam à primeira vista todo o desenvolvimento do mundo moderno? Negar ou ignorar todo conhecimento puro e supra-racional era abrir o caminho que deveria conduzir logicamente, por um lado ao positivismo e ao agnosticismo, que se fundamentam nas mais estreitas limitações da inteligência e de seu objeto e, por outro lado, a todas as teorias sentimentalistas e voluntaristas, que se empenham em procurar no infra-racional aquilo que a razão não lhes pode dar.

Nesta passagem onde destaca o pensamento cartesiano, assim como na citação que faz do filósofo (espiritualista evolucionista) francês Henri Bergson (2012, p. 13),

Bergson escreveu textualmente seguinte: “A inteligência, considerada no que parece ser seu procedimento original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais,

⁹ Intelectual francês do século XX, cujas obras tratam de temas como: metafísica, simbolismo e crítica social. Cf. do mesmo *A crise do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 1948. E *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*. São Paulo: IRGET, 2014.

particularmente ferramentas de fazer ferramentas e de variar indefinidamente sua fabricação”. E ainda: “A inteligência, mesmo quando não mais opera sobre a matéria bruta, segue os hábitos adquiridos nesta operação: aplica formas que são as mesmas da matéria inorganizada. Ela é feita para este tipo de trabalho. Por si só, este tipo de trabalho lhe satisfaz plenamente. E é o que ela exprime dizendo que somente assim atinge a distinção e a clareza”

René Guénon critica o rebaixamento, a regressão intelectual que caracteriza a civilização ocidental moderna. E ainda nos diz o mesmo (2012, p. 14),

Por estes últimos indícios pode-se reconhecer sem esforço que não é a inteligência mesmo que está em causa, porém apenas a concepção cartesiana de inteligência, o que é bem diferente. E a superstição da razão, a “filosofia nova”, no dizer dos que a ela aderiram, vai substituí-la por outra ainda mais grosseira, sob certos aspectos – a superstição da vida. O racionalismo, impotente para elevar-se até a verdade absoluta, ao menos deixava subsistir a verdade relativa. O intuicionismo contemporâneo rebaixa esta verdade a ponto de não ser senão uma representação da realidade sensível, em tudo o que ela tem de inconsistente e de incessantemente mutável. Enfim, o pragmatismo termina por fazer desaparecer a própria noção de verdade ao identifica-lo à noção de utilidade, o que resulta em suprimi-la pura e simplesmente. Se esquematizamos um pouco as coisas, de modo algum as desfiguramos e, quaisquer que possam ter sido as fases intermediárias, as tendências fundamentais são exatamente aquelas que acabamos de descrever. Os pragmatistas, indo até o fim, mostram-se os mais autênticos representantes do pensamento ocidental moderno.

A crítica feita pelo intelectual francês René Guénon vai ao encontro do que apresenta o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos em sua obra *Invasão vertical dos bárbaros*, onde o mesmo procura apresentar uma crítica e reflexão acerca de uma invasão que se processa no terreno da civilização, ou seja, que penetra pela cultura, solapando seus fundamentos e preparando o caminho à corrupção do seu ciclo cultural.

E é assim, que, em um memorial manifesto contra a tragédia da condição humana, esmagada pela ignorância fria e assassina das ideologias. O filósofo Mário Ferreira dos Santos nos diz em *A invasão vertical dos bárbaros - parte II O Barbarismo e a Intelectualidade* (2012, p. 130-131),

Não é a primeira vez que surge na história a tendência a colocar o homem numa situação secundária, a hipovalorizá-lo, a virtualizar sua significação, ao mesmo tempo que se valorizam as coisas. [...]
Desde o Renascimento, ao lado de uma humanização pretendida na cultura, deu-se uma constante desumanização do homem, à proporção que a economia feudal passava a ser superada pela economia mercantil, industrial e financeira, em que as cifras passaram a ser o sinal timológico principal e que

os valores monetários móveis passaram a significar a posse do *kratos*¹⁰ social mais elevado.

Desde então a quantidade começou a predominar sobre a qualidade, o quantitativo passou a superar o qualitativo. [...] a história humana é sempre o campo de uma luta antinômica entre o positivo e o negativo, entre o quantitativo e o qualitativo, entre o sagrado e o profano, entre, em suma, os valores positivos e os opositivos, com as sedimentações viciosas intercalares entre eles. Não se quer dizer que tais acontecimentos avassalem totalmente o âmbito social, mas apenas que eles se tornam predominantes numa camada atuante da sociedade, a quem cabe um papel de orientá-la também. É inegável que as mais altas personalidades, as cerebrações mais enérgicas não pactuam com essa desumanização. Sem dúvida que os apóstolos da desumanidade são sempre os mais deficientes, mas, também, de uma atividade perigosíssima e capazes de dominar vastos setores sociais, encontrando sempre adeptos dóceis aos seus ensinamentos¹¹.

A ênfase que se deu em nossos dias aos estudos axiológicos é um sinal da reação à excessiva desumanização do homem no século dos grandes desumanizadores: Lênin, Stalin, Hitler, Mussolini e outras figuras menores, e uma sequela de intelectuais equívocos que contribuem com o ludíbrio da sua inteligência fantasmagórica para trabalhar em favor dessa desumanização, [...]

Mas como bem dissera Eric Voegelin em suas *Reflexões autobiográficas* (2007) é em situações assim – como estas descritas acima – que se faz necessário encontrar homens com vocação para o trabalho árduo intelectual (Sócrates enquanto paradigma de filósofo/cientista), pois, mesmo prevalecendo um certo clima de opinião ideológico, há também em nossa sociedade “uma ampla comunidade composta por estudiosos que não perderam o contato com o real e por pensadores, que sob o risco de perdê-lo, tentam recuperar esse contato”.

Então, seguindo a linha de raciocínio expressa pelo filósofo Eric Voegelin (2007) “A melhor forma de retomar o contato com a realidade é recorrer a pensadores do passado que ainda não a tinham perdido ou estavam empenhados em recuperá-la.”. E dentro deste espírito é que biólogos estão redescobrimo Aristóteles e percebendo a grandeza do seu saber, da sua filosofia. O que fora criticado até por “filósofos” como sendo uma física rudimentar e ultrapassada (acerca do livro sobre a física de Aristóteles), hoje é compreendida por estes cientistas como uma sofisticada metodologia científica. A modernidade e os modernos (humanistas, progressistas...) se mostram incapazes de compreender a sua própria origem e,

¹⁰ Mário Ferreira se utiliza do termo *Kratos*, na acepção de poder (a superioridade da Força sobre o Direito). Ou seja, o que sofremos é o retorno à barbárie. No entanto, potencializada! Uma vez que agora os bárbaros possuem os meios tecnológicos, as instituições, governos, etc.

¹¹ Conferir o atual momento em que vive o Brasil. Não por acaso, os filósofos Mário Ferreira dos Santos, cuja obra citada é um manifesto contrário a tal invasão vertical dos bárbaros e, Olavo de Carvalho, que destina uma parte de suas obras à análise do que ele chama de “imbecilização coletiva” serem tratados de maneira hostil pela “intelectualidade” dominante no meio artístico, universitário e intelectual brasileiro.

como uma criança, adolescente mimados destroem aquilo que não podem dominar através da “vontade de potência” instituída como deusa¹².

É exatamente acerca deste aspecto que se deve procurar refletir: como pode em tal *ethos*, onde a racionalidade se propõe a ser funcional-utilitária, a razão captar o sentido complexo e diverso do ser constituinte das coisas que compõem a realidade em sua totalidade. E não suplantar em nome de um fazer meramente funcional, o qual opera sobre o signo do ter-poder, a existencialidade daquele que é tomado enquanto indivíduo/profissional e tem assim por dizer, reduzida a sua condição de pessoa humana, que é em si dotado de ser?

Eis um brutal rebaixamento (ontológico-existencial), o qual a modernidade com o seu projeto gnóstico de uma razão imanentista colocou no seio de uma “nova história da humanidade”. Nos primórdios da historialidade ocidental o filósofo Sócrates nos colocara diante do desvelamento/sentença “*uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida*”. Estamos tão distante de tal época, que se parece quase impossível alcançar o real significado do que quis dizer-nos o filósofo grego.

Dividimos, compartimentamos, esvaziamos, reduzimos, tornamos valores e pessoas superficiais, criamos e nos aprisionamos em mundos virtuais por incapacidade de encarar o mundo real. E a falta de consciência não somente aliena o ser do homem, ela fetichiza a realidade rebaixando o ser humano ao nível da animalidade, que na vida social se apresenta como barbárie: valorização exagerada do corpo em detrimento da mente, daquilo que em nós afirme a animalidade; supervalorização e exploração da sensualidade, des-sensibilização e disseminação do grotesco, disforme, caótico; afirmação do negativo em detrimento do positivo e tudo que o mesmo representa (unidade, harmonia, belo, bom); valorização do crime, vitimização do delinquente/criminoso em contraposição ao cidadão que, mesmo diante das adversidades, procura agir segundo princípios que o tornem mais virtuoso! justo, correto, ordeiro, etc..

Diante de tal estado de coisas, onde a cultura sofre brutal rebaixamento, uma das consequências inevitáveis é a ciência e a técnica serem reféns da mentalidade bárbara. O que por sua vez torna toda a humanidade (seres humanos reais de carne, ossos, sentimentos...) cobaia e as sociedades, laboratórios para experimentos advindos de “mentalidades iluminadas” nos reinos das abstrações, sistemas. Que em si são carentes de saber da realidade, do homem e da mulher reais.

¹² Eis a dialética negativa a forjar os seus filhos e frutos. Irônica e perversamente a foice e o martelo não estão a serviço da edificação, mas sim, servem ao reino do abismo que se alimenta insaciavelmente da destruição.

Daí não ser então obra do acaso que nós modernos nos tornemos insensíveis e à nossa razão, inteligência se torne imperceptível o que tal sentença socrática está a dizer. Não por acaso o *ethos* tradicional está repleto de chamados, enunciados, enfim, sentenças que procuram chamar à consciência os homens envolvidos e absortos nas coisas enquanto meros fenômenos.

Mas como é possível ouvir e até compreender tais chamados se nesta nova era a consciência passa a ser um elemento que subtrai a espécie humana? Se a consciência é vista como subterfúgio, fraqueza, envenenamento e aniquiladora do “animal” homem? Assim como, instrumental de um aparelho ideológico que busca nada mais que policiar e alienar para conseguir a obtenção e manutenção de poder (não é esse o sonho da nova elite globalista (meta-capitalista): ter uma sociedade totalmente administrada? Ou da moralidade coletiva que suplanta a liberdade do ser humano enquanto ser dotado de individualidade, singularidade?.

Dentro de tal repositório de suspeitas qualquer mente ou é paralisada ou então aniquilada. Eis o “reino da matilha” hobbesiano. No entanto, se observarmos atentamente no mundo animal entre os *entes* da mesma espécie, não se vê tal fenômeno tanto em grau de intensidade como de proporção.

Não sem motivos nos depararmos com escritos originários da civilização ocidental onde se pode ouvir sentenças como: “... De bom grado falo aos que sabem, dos que não sabem me escondo.” (ESQUILO, Agamenon, 38s.) ou a sentença oracular Heraclítica (1999, p. 59) a nos dizer,

Com o *Logos*, porém, que é sempre, os homens se comportam como quem não compreende tanto antes como depois de já ter ouvido. Com efeito, tudo vem a ser conforme e de acordo com este *Logos* e, não obstante, eles parecem sem experiência nas experiências com as palavras e as obras, iguais às que levo à cabo, discernindo e dilucidando, segundo o vigor, o modo em que se conduz cada coisa. Aos outros homens, porém, lhes fica encoberto tanto o que fazem acordados, como se lhes volta a encobrir o que fazem durante o sono.

O que interessa aqui com o enunciar desta sentença é atentarmo-nos para o ignorar da maioria dos homens, quanto à sua condição de ser humano dotado de inteligência, da condição racional e sem as quais se faz impossível o mesmo constituir a sua natureza de ser humano. Natureza esta que não é dada, mas precisa ser constituída ao longo de sua existência em meio à natureza, ao mundo como uma historialidade que se faz, se compreende diante da situação dramática da consciência do existir como ser individual, mas que se reconhece e se conscientiza no todo (que limita e amplia condicionando e moldando o seu ser) social.

É dentro desta seara da tradição inaugurada pelo *logos* filosófico e filosofia clássica grega (Tradição dela advinda enquanto filosofia perene), que se busca aqui refletir em meio a crise que campeia em mundo hodierno.

Faz-se importante salientar também que, não se pode entender a profundidade constitutiva deste *ente* humano se não se atentar para aquilo que o cristianismo enquanto uma *boa nova* traz e incorpora ao *ethos*, que é a noção de *pessoa* e toda a perspectiva de sua historicidade (ontologia, gnoseologia e onto-gnoseologia). Mas como pensar a ética judaico-cristã, o lugar da pessoa dentro da perspectiva gnóstico-revolucionária globalista? Pois como fora dito pelo diretor geral da Organização Mundial da Saúde em 1992, “a ética judaico-cristã não poderá ser aplicada no futuro¹³”. Tal juízo denota uma implicação que vem trazendo consequências diretas na ordem existencial de uma parcela significativa dos cidadãos ocidentais.

Michel Serres (filósofo, epistemólogo e historiador das ciências) em sua obra *Hominiscências: o começo de uma outra humanidade?* (2003, p. 92-93) diz que,

O abandono do monoteísmo reavivou, em todos os lugares, a antiga máquina que fabricava deuses em quantidade. Desde há muito tempo eu já sabia que tínhamos voltado ao politeísmo e até ao sacrifício humano, visto que anualmente toleramos a morte de milhares de pessoas jovens nas estradas ao deus-máquina automóvel, e que os deuses sanguinários da televisão já impuseram 20 mil crimes de morte a uma criança de 15 anos para culpa-la de assassinato. Desde épocas perdidas até tempos contemporâneos, esse tipo de sacrifícios sempre ocorreu com o objetivo de provocar o nascimento e a proliferação desses deuses, [...]

Não obstante, em meio ao fazer das mais diversas atividades humanas, pode-se deparar muitas vezes com um rebaixar do estatuto e dignidade da pessoa humana (prostituição física, psicológica, moral, intelectual; condições inadequadas para o trabalho, desrespeito e inversão dos direitos elementares do ser humano, inversão hierárquica do ser colocando o contingente sobre o necessário, etc.), porque o fundamento de tais relações rompe de maneira cirúrgica a ligação entre a pessoa que tem estatuto e dignidade (humana) e o indivíduo, o qual é delineado em sociedade moderna/pós-moderna enquanto figura atomística como número (objeto-coisa-quadro-massa).

Não se pode deixar de observar que a condição de ser humano em tal época está diretamente ligada à condição laboral que o indivíduo possui dentro da sociedade. Assim

¹³ Cf. *Poder Global e Religião Universal*, de Juan Claudio Sahuja. Obra esta que é fruto de uma década de Estudo-pesquisa acerca de documentos da ONU: Conferências, Comitês, etc., OMS, UNESCO, UNICEF, UNAIDS, UNPD, PNUD, Organismos das Nações Unidas e outras instituições, OEA, Organismos Internacionais, ONGs, etc.

como, da ideologia política a qual ele está inserido/submetido. O indivíduo é assimilado como número, engrenagem ou como quadro, elemento orgânico.

A modernidade/pós-modernidade se mostra então como uma época que é caracterizada pela desconstrução, ruptura, desligamento, desenraizamento, massificação, fetichização, reducionismo. O que impede a efetivação da constituição do ser do *ente* homem (unidade de uma consciência que se se perfaz na liberdade e drama da existência enquanto uma vida concreta circunstancializada no tempo-espço). Vive-se uma época onde a morbidez é sintomática. O espírito da corrupção e destruição é erigido ao plano de “princípio¹⁴” constituinte.

E de forma mais profunda, exatamente por ter sofrido na carne e na alma os horrores do regime totalitário socialista, o filósofo romeno Constantin Noica em sua obra *As seis doenças do espírito* (1999, p. 23), declarar que,

Ao lado das doenças somáticas, que conhecemos há séculos, e das doenças psíquicas, identificadas mais recentemente, devem existir outras, de ordem superior, às quais chamaremos doenças do espírito. Nenhuma neurose poderia explicar o desespero do Eclesiastes, o sentimento de nosso exílio na terra ou de nossa alienação, o tédio metafísico, a consciência do vazio e do absurdo, a hipertrofia do eu ou a revolta sem objetivo; nenhuma psicose poderia explicar o “furor” econômico ou político, a arte abstrata, o “demonismo” técnico, nem talvez aquele formalismo extremo que hoje em dia, em todos os domínios da cultura, consagra o primado da exatidão sobre a verdade.

Aqui Constantin Noica se insere na perspectiva filosófica inaugurada por Sócrates, Platão e Aristóteles onde o problema da tensão escatológica do homem em suas dimensões de pessoa, sociedade e história se dá como um drama vivenciado que exige muito mais que um insight teórico, mas acima de tudo se torna um problema na dimensão prática de sua vida. E a consciência da expectativa escatológica é um fator ordenador na existência deste ente que se apresenta como uma liberdade existencial, ou seja, o homem é o ser que participa da realidade e que constitui o seu ser a medida que toma consciência de si e das coisas.

A cultura, o ethos atual moderno/pós-moderno se apresenta na história das civilizações como uma era de desintegração, deformação da realidade geradas por mentalidades alienadas, deformadas, desorientadas, etc. E por este motivo geradoras de movimentos de desintegração, desorientação e deturpação. E tal época, por se caracterizar como uma transfiguração, uma transformação radical gnóstica da realidade exige do homem

¹⁴ Cf. as seguintes obras: *A sabedoria dos princípios e A sabedoria da leis eternas*. Do filósofo brasileiro Mario Ferreira dos Santos

hodierno um trabalho hercúleo; uma árdua tarefa que é a de enfrentar a maré ideológica reinante.

E para isso, o mesmo terá que se munir dos avanços científicos, históricos, etc. para reestabelecer o elo entre tais conhecimentos e a possibilidade humana de utilizá-los em sua vida como um antídoto contra as dogmatomaquias¹⁵ que proliferam abundante e desenfreadamente em nossa época

Não é a primeira vez na história que o homem consciente de tais problemas tem que enfrentá-los. Na obra República, Platão nos apresentou em registro imagético magistral (Alegoria da caverna) tal condição. E o homem hodierno, dentro de sua historicidade ocidental peculiar necessita trilhar o árduo caminho ascensional de saída destas cavernas ideológicas rumo ao cume, ao sol do saber, ao logos que iluminará sua compreensão da realidade e conseqüentemente sua saída da(s) caverna(s), ignorância. Assim, a atividade do filosofar (eminentemente humana) se apresenta como busca incessante pela verdade, nunca descanso ou repouso nela; assim é a vida humana em seu processo ininterrupto de auto-constituição seja na ordem privada ou na vida pública.

E é exatamente nesta dimensão da *práxis* humana que o elemento ético-político se faz necessário na constituição do ser da realidade do mundo humano (em Platão: equivalência e harmonia entre o Bem e o Ser). Pois, a vida humana não é um fim em si mesmo, tanto no sentido biológico, como no sentido histórico-cultural de sua existência. Existir para o homem também implica em estar com outros, estar no mundo; se fazer com outros, se fazer no mundo.

Destarte, Platão nos ensina que se faz necessário ter a capacidade de dar o salto no Ser para compreender a realidade em sua totalidade e no retorno inevitável agir de acordo com os princípios eternos (verdades universais), pois, segundo o filósofo grego: verdade conhecida é verdade que deve ser vivida. Eis aí toda a solidariedade entre Ser e Bem; entre a totalidade da realidade e a singularidade da realidade do *ente* homem dentro da totalidade do Ser. Eis aí a situação-problema posta pela mentalidade gnóstico-revolucionária, uma vez que a mesma para se constituir, não somente tem que negar o ser das coisas, como deve manuseá-los de acordo às suas conveniências e destruí-los se assim o forjar de sua nova ontologia precisar.

¹⁵ A imposição de uma segunda realidade criada a partir da razão humana e que fundamenta, explica e condiciona o ser e todas as coisas existentes. Obscurecendo assim a realidade e impedindo ao mesmo tempo de se experienciar a mesma de forma filosófica. Como uma cegueira da alma. Neste sentido, a filo-sophia em oposição à filo-doxia é o elemento mais latente do existir e laborar que se apresenta no projeto filosófico socrático assumido e desenvolvido pelas personalidades geniais dos filósofos Platão e Aristóteles.

Ao filósofo, ao homem que se impacta com a realidade na qual está inserido cabe – uma vez descoberto, desvelado aspectos da realidade – agora o retorno ao mundo e aos prisioneiros da caverna. Pois, são muitos os homens que vivem rebaixados na condição da ignorância, da ilusão, da mentira e das ideologias; assim como, alguns que sobrevivem de tal manipulação, transmutação, transvalorização. O seu esforço e o seu árduo trabalho de subida e descoberta da realidade (filósofo/atividade do filosofar) não lhe serão tomados, até porque não é possível retirar daquele que sabe o seu saber.

Todavia, o seu conhecimento não lhe pertence como um objeto, ele é condição essencial para a constituição da humanidade no homem e aquele que consegue alcançá-lo tem por dever repassá-lo aos demais. Esta é a dimensão ético-política do conhecimento, uma vez detentor do conhecimento não lhe é permitido o direito de conservar tal bem como propriedade única e exclusivamente sua. Este saber constitui um bem e uma dimensão onto-axiológica do ser do *ente* homem.

Portanto, precisa ser partilhada e difundida por entre os demais *entes* humanos (antigos companheiros da caverna), para que os mesmos possam ser libertos e quiçá alcancem por meio da *práxis* o devido nível de autarquia necessário para constituir uma autêntica comunidade dos homens livres.

A vida humana necessita desta forma da compreensão da verdade para se constituir plenamente, no entanto, o homem não é um ser puramente animal, o qual já está de antemão dado e circunscrito na esfera de suas leis causais. Ele é o *ente* privilegiado para quem a existência autêntica é uma conquista e a possibilidade de se derruir é de sua total responsabilidade, uma vez que o mesmo é um ser racional dotado de inteligência, vontade, da capacidade de agir e de fazer história.

Daí não ser possível prescindir da compreensão da realidade, do ser das coisas que o homem de ciência busca no seu árduo laborar e capta. Para informar, formar, educar e guiar os indivíduos, cidadãos dentro desta cultura globalista que tem como projeto e intenção manusear vidas humanas como se objetos (dóceis) fossem. E não vidas, singularidades, pessoas que devem alcançar através de suas existências participativas o nível de conhecimento, saber que as tornem seres: autônomos e não, autômatos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: cia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. **Metafísica Vol II.** São Paulo Loyola, 2002.

_____. **Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAUMAN, Z. **Medo líquido.** São Paulo: Zahar, 2008

_____. **Modernidade líquida.** São Paulo: Zahar, 2001.

_____. **Modernidade e ambivalência.** São Paulo: Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** São Paulo: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade e holocausto.** São Paulo: Zahar, 1998.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** São Paulo: Zahar, 1998.

BERNADIN, P. **Maquiavel pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica.** Campinas, SP: Ecclesiae e Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial: um debate entre alexandre Dugin e Olavo de Carvalho.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.

_____. **O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil.** São Paulo: É Realizações, 2004.

DAWSON, Christopher. **Criação do Ocidente: a Religião e a Civilização Medieval.** São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. **A formação da cristandade.** São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **A divisão da cristandade.** São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **Progresso e religião: uma investigação histórica.** São Paulo: É Realizações, 2012.

ÉSQUILO. **Oréstia: Agamenon, Coéforas, Eumênides.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: ed. 34, 1994.

NOICA, Constantin, **As seis doenças do espírito**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PLATÃO, **A República**. São Paulo: EDIPRO, 1984.

_____, **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1979.

REALE, G, **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **História da Filosofia: Do Humanismo a Kant - v. 2**. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias - v. 3**. São Paulo: Paulus, 1991.

SANTOS, M. F. dos. **A invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: É ealizações, 2012.

_____. *Filosofia da crise*. São Paulo: Logos, 1964.

SERRES, Michel. **Hominiscências: o começo de uma nova humanidade?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros: para além do choque de civilizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX**. São Paulo: ARX, 2002.

VOEGELIN, Eric. **A nova ciência política**. Brasília: UNB, 1982.

_____. **Reflexões autobiográficas**. São Paulo: É Realizações, 2007.

_____. **História das ideias políticas vol VI: Religião e a nova ciência.** São Paulo: É Realizações, 2017.

_____. **História das ideias políticas vol V: Religião e a ascensão da modernidade.** São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. **História das ideias políticas vol IV: Renascença e reforma.** São Paulo: É Realizações, 2014.

WOODS, Thomas. **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental.** São Paulo: Quadrante, 2008.